

DESAFIOS E RESISTÊNCIA: A LUTA DAS MULHERES NEGRAS NA CULTURA DE SÃO BORJA**DESAFÍOS Y RESISTENCIAS: LA LUCHA DE LAS MUJERES NEGRAS EN LA CULTURA DE SÃO BORJA****CHALLENGES AND RESISTANCE: THE STRUGGLE OF BLACK WOMEN IN THE CULTURE OF SÃO BORJA**

Recebido em: 18/09/2025

Aceito em: 30/03/2025

Publicado: 30/06/2026

João Vitor Marques Fagundes¹
Universidade Federal do PampaMarielle de Miranda Agüero²
Universidade Federal do PampaJaqueline Carvalho Quadrado³
Universidade Federal do Pampa

Resumo: O presente trabalho aborda a luta das mulheres, sobretudo as mulheres negras na cultura de São Borja, destacando os desafios socioeconômicos, institucionais e culturais que limitam o reconhecimento e valorização de suas produções artísticas. O estudo tem como objetivo analisar as principais dificuldades enfrentadas por essas mulheres, compreender por que não há iniciativas, como oficinas de capacitação. A pesquisa é fundamentada em uma entrevista com uma liderança local e revisão bibliográfica sobre políticas públicas e práticas culturais. Os resultados indicam que a predominância de valorização da cultura eurocêntrica e a falta de políticas específicas reforçam a invisibilização e desvalorização da cultura negra e periférica, enquanto a articulação de espaços coletivos e políticas públicas inclusivas é essencial para a afirmação da identidade e o enfrentamento do racismo estrutural. Destaca-se também a importância do artesanato realizado por mulheres ribeirinhas como expressão cultural e estratégia econômica, cuja valorização demanda atenção institucional para garantir sustentabilidade e respeito à cultura local. O estudo aponta para a necessidade urgente de uma educação antirracista e decolonial, bem como para o fortalecimento das associações comunitárias e o incentivo à participação das mulheres negras no setor cultural de São Borja.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Mulheres Ribeirinhas, Cultura Popular, Políticas Públicas Culturais.

Resumen: Este artículo aborda la lucha de las mujeres, especialmente las mujeres negras, en la cultura de São Borja, destacando los desafíos socioeconómicos, institucionales y culturales que limitan el reconocimiento y la valoración de sus producciones artísticas. El estudio busca analizar las principales dificultades que enfrentan estas mujeres y comprender la falta de iniciativas, como los talleres de capacitación. La investigación se basa en una

¹ Bacharel em Ciências Sociais - Ciência Política, pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus São Borja, RS, Brasil. Bacharelando em Direito, pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus São Borja, RS, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Projeto Cultura Popular de Autoria Feminina. E-mail: joaofagundes.aluno@unipampa.edu.br

² Estudante do Ensino Médio, Escola Estadual Técnica Olavo Bilac, São Borja-RS/Brasil. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-EM - Edital N° 288/2024 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio - PIBIC-EM/CNPq/UNIPAMPA. Projeto Cultura Popular de Autoria Feminina. E-mail: marimiranday@gmail.com

³ Doutora em Sociologia, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. Docente no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e no Programa de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Rio Grande do Sul, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Gênero, Ética, Educação e Política (GEEP/CNPq). E-mail: jaquelinequadrado@unipampa.edu.br

entrevista com uma líder local y una revisión bibliográfica sobre políticas públicas y prácticas culturales. Los resultados indican que la valorización predominante de la cultura eurocéntrica y la falta de políticas específicas refuerzan la invisibilidad y la devaluación de la cultura negra y periférica, mientras que la articulación de espacios colectivos y políticas públicas inclusivas es esencial para afirmar la identidad y enfrentar el racismo estructural. También se destaca la importancia de la artesanía de las mujeres ribereñas como expresión cultural y estrategia económica, cuya valorización exige atención institucional para garantizar la sostenibilidad y el respeto por la cultura local. El estudio destaca la urgente necesidad de educación antirracista y decolonial, así como el fortalecimiento de las asociaciones comunitarias y el fomento de la participación de las mujeres negras en el sector cultural de São Borja.

Palabras-chaves: Mujeres Negras, Mujeres Ribereñas, Cultura Popular, Políticas Públicas Culturales.

Abstract: This paper addresses the struggle of women, especially Black women, in the culture of São Borja, highlighting the socioeconomic, institutional, and cultural challenges that limit the recognition and appreciation of their artistic productions. The study aims to analyze the main difficulties faced by these women and understand why initiatives, such as training workshops, are lacking. The research is based on an interview with a local leader and a literature review on public policies and cultural practices. The results indicate that the predominant valorization of Eurocentric culture and the lack of specific policies reinforce the invisibility and devaluation of Black and peripheral culture, while the articulation of collective spaces and inclusive public policies is essential for affirming identity and confronting structural racism. Also highlighted is the importance of handicrafts made by riverside women as a cultural expression and economic strategy, whose valorization demands institutional attention to ensure sustainability and respect for local culture. The study highlights the urgent need for anti-racist and decolonial education, as well as the strengthening of community associations and the encouragement of Black women's participation in the cultural sector of São Borja.

Keyword: Black Women, Riverside Women, Popular Culture, Cultural Public Policies.

INTRODUÇÃO

A cultura negra em São Borja, especialmente a protagonizada por mulheres negras, representa uma importante expressão artística e cultural, porém marcada por desafios significativos que limitam seu reconhecimento e valorização. O tema deste trabalho é a luta das mulheres negras na cultura local, com enfoque nas barreiras socioeconômicas, institucionais e culturais que enfrentam para a inclusão, visibilidade e valorização de suas produções artísticas. Delimita-se o estudo às experiências das mulheres negras artesãs e produtoras culturais, enfatizando o papel das políticas públicas e das iniciativas de capacitação na promoção de sua autoestima e fortalecimento identitário.

Os pressupostos que amparam o problema de pesquisa fundamentam-se na ausência de políticas públicas específicas que incentivem e reconheçam a produção artística dessas mulheres, bem como na persistência do preconceito e da desvalorização econômica que dificultam sua participação efetiva no setor cultural. Conforme relata Lins Robalo, vereadora do PT (Partido dos Trabalhadores) no período 2021-2024 em São Borja, assistente social, servidora pública no município vizinho Itaqui, ativista dos direitos LGBTs e das mulheres negras e periféricas, e organizadora da ONG Girassol Amigos na Diversidade, “a maior dificuldade que encontramos foi ver as pessoas negras desacreditando de seu potencial artístico. Muitos ainda não acreditam nas suas próprias capacidades”.

Os objetivos do estudo são analisar as principais dificuldades enfrentadas por essas mulheres em São Borja, investigar as iniciativas institucionais existentes, como as oficinas promovidas por Lins Robalo, e propor estratégias para ampliar o acesso aos recursos culturais e fortalecer a identidade cultural local.

A escolha do tema justifica-se pela importância de promover a inclusão e o reconhecimento da cultura negra feminina como vetor essencial para a diversidade cultural do município, além de contribuir para o enfrentamento das desigualdades de gênero e raça no campo das artes e da cultura.

A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, com entrevista a Ver. Lins Robalo (PT) e ativista política da causa LGBT+, da causa das mulheres negras e periféricas, para compreender melhor como ocorre essa invisibilidade das produtoras culturais negras. Também incluiu uma revisão bibliográfica sobre o papel das mulheres negras e mulheres periféricas, artesãs na cultura popular.

DESENVOLVIMENTO

A ex-vereadora Lins Robalo (PT), uma importante voz na defesa da cultura negra em São Borja, evidencia os desafios enfrentados pelas mulheres negras na produção cultural local, que se refletem tanto na autoestima quanto nas condições materiais e institucionais de seu trabalho. De acordo com Lins Robalo, um dos obstáculos fundamentais está na falta de reconhecimento interno e externo do potencial artístico dessas mulheres: “a maior dificuldade que encontramos foi ver as pessoas negras desacreditando de seu potencial artístico. Muitos ainda não acreditam nas suas próprias capacidades”. Esse quadro configura-se como uma manifestação da marginalização histórica, que desvaloriza esse campo de produção cultural como legítimo e artístico, especialmente no artesanato e outras expressões populares.

Segundo Albernaz (2010), as mulheres negras enfrentam obstáculos relacionados à falta de reconhecimento e exclusão dentro das manifestações culturais populares, o que impacta sua autoestima e visibilidade social. Ela destaca que, a seleção das mulheres para participarem eventos de folclore como danças típicas, passa por critérios rigorosos de forma corporal, idade e raça, evidenciando mecanismos racistas que operam na sociedade nacional e influenciam essas práticas culturais.

O ponto levantado por Lins, de que as mulheres negras vivem um processo de dificultoso dentro do mercado cultural por desafios profundos, que refletem, sobretudo, a persistência da invisibilização e do racismo estrutural nas manifestações artísticas e culturais.

observa-se outro ponto levantado por ela, de que essas mulheres frequentemente enfrentam dificuldades para acreditar em seu próprio potencial artístico, um fenômeno que expressa a internalização da marginalização histórica de suas culturas e saberes. Para Sousa (2025), isto está atrelado a um processo mais amplo de racismo estrutural e à ideologia do branqueamento que permeia a sociedade brasileira. Essa ideologia, reforçada pelas representações midiáticas e pelas práticas sociais dominantes, valoriza a cultura eurocêntrica e marginaliza as manifestações culturais negras-afro-diaspóricas, contribuindo para a invisibilização e desvalorização dessas expressões culturais. Esse cenário impõe uma negação da identidade e fortalece conflitos internos nas comunidades negras, levando muitas vezes à internalização da sensação de inferioridade e à perda de autoestima, ele cita que “a violência racista faz o sujeito criar uma consciência do corpo como objeto de inferioridade”.

Além disso, Lins destaca que a ausência de políticas públicas focadas no reconhecimento e fomento da cultura negra é um fator determinante para o apagamento destas manifestações culturais. O desconhecimento das oportunidades de financiamento, como os previstos na Lei Paulo Gustavo, agrava essa situação, isolando os artistas locais e dificultando o seu acesso a recursos: “precisamos saber quem são os artistas locais, quais setores artísticos estão mais presentes”. A falta de mapeamento adequado acaba por invisibilizar muitos produtores culturais, especialmente aquelas mulheres negras que desenvolvem suas atividades em contextos de vulnerabilidade econômica.

Domingues (2011) frisa o caráter complexo das relações entre cultura popular e poder, em que a “cultura do povo” dialoga e resiste às imposições da “cultura do bloco do poder”, ressaltando a importância do agenciamento das tradições específicas afrodescendentes como elemento crítico e estratégico nessa disputa. Essa conjuntura evidencia a necessidade de políticas públicas que dialoguem efetivamente com as experiências, tradições e expressões dos artistas negros, especialmente mulheres em situação de vulnerabilidade, evitando sua perpetuada invisibilização.

Segundo Felix (2021), a ausência de políticas públicas efetivas voltadas ao reconhecimento e ao fomento das manifestações culturais de matriz africana representa um obstáculo significativo para a preservação dessas expressões culturais. Ainda que existam instrumentos jurídicos e protocolos internacionais de defesa dos direitos culturais, sua aplicabilidade tem se mostrado insuficiente para garantir a autonomia e a valorização dos artistas afrodescendentes. Ela enfatiza, “importante se faz dar continuidade e ampliar a implementação de políticas afirmativas para todas as formas musicais e performáticas de matriz

africana", ressaltando a necessidade de ações governamentais que promovam apoio estruturado e inclusivo.

Felix (2021) entende que a falta de mapeamento e reconhecimento adequado dos setores artísticos contribui para a invisibilidade de diversos produtores culturais, especialmente aqueles em contextos de vulnerabilidade. Tal cenário resulta no isolamento dos agentes culturais e na dificuldade de acesso a recursos essenciais para o desenvolvimento de suas atividades. Para ela existe um "descaso e falta de auxílio do governo federal, governo do Estado e empresas patrocinadoras", que expõem uma negligência alarmante diante da importância histórica e social dessas manifestações culturais.

Para Sousa (2025) uma das maiores dificuldades para os produtores culturais é enfrentar a ideologia do branqueamento, que, por meio das representações midiáticas, promove o silenciamento e o desinteresse pelas práticas culturais de origem negra. Isso dificulta a valorização e a preservação das tradições culturais, como as danças afro-brasileiras, que têm sido suprimidas pelo predomínio da cultura branca dominante e por interesses capitalistas e racistas da mídia.

Lins Robalo enfatiza também a importância das oficinas e formações como estratégias fundamentais para o empoderamento dessas mulheres, o que reforça sua percepção enquanto produtoras de cultura com valor artístico reconhecido: "as iniciativas de capacitação (...) tornam-se fundamentais nesse contexto". Essas ações não só contribuem para elevar a autoestima das artesãs, como também auxiliam no fortalecimento da identidade cultural, ampliando o sentido de pertencimento da comunidade negra à cultura local.

De acordo com Araújo (2023), existe uma importância da coletividade e da militância coletiva através da música, por exemplo, que fortalece a luta contra a intolerância religiosa e a discriminação cultural, ele também compreende que a criação de materiais pedagógicos como instrumento que promove a necessária inclusão da cultura afro-ameríndia, e podem ajudar na orientação perspectivas que considerem a responsabilidade social da cultura. Essa construção só é possível quando se rejeita a continuidade da subalternização dos corpos negros/indígenas e das suas culturas.

Segundo Cunha (2013), às oficinas e ações formativas voltadas aos produtores culturais exercem um papel essencial no fortalecimento das comunidades, contribuindo para o reconhecimento de suas identidades e dos saberes tradicionais que carregam. Além disso, essas iniciativas promovem o desenvolvimento de competências que favorecem a gestão de suas produções e a inserção qualificada no mercado cultural. Ao proporcionar esse tipo de

capacitação, torna-se possível enfrentar a invisibilidade e o aproveitamento limitado de suas expressões culturais, assegurando que esses grupos não sejam vistos apenas como fornecedores de produtos padronizados, mas como agentes centrais de uma economia criativa que valoriza e impulsiona sua diversidade e autenticidade.

Cunha (2013) ressalta a importância de que as políticas culturais sejam construídas com participação ativa dos produtores populares e pautadas por discussões mais amplas, a fim de impedir que os recursos voltados à cultura sejam apropriados por elites locais. Essa participação é essencial para garantir a autonomia e a expressão legítima desses agentes culturais. Para Cunha (2013), os espaços de formação e aprendizagem coletiva cumprem um papel estratégico, pois fortalecem a autoestima cultural, ampliam a capacidade de articulação e resistência dos grupos envolvidos e, especialmente, contribuem para o empoderamento das mulheres, que frequentemente lideram e impulsionam essas iniciativas.

Lins destaca a importância do mapeamento e do conhecimento aprofundado da realidade cultural local para fomentar políticas eficazes. "Precisamos saber quem são os artistas locais, quais setores artísticos estão mais presentes" para trabalhar melhor as políticas públicas. Para ela, um dos problemas de haver esse mapeamento é que: "Muitas pessoas que trabalham em setores culturais não se identificam como artistas", o que limita sua participação em propostas e editais, como os da Lei Paulo Gustavo. Esse trecho da entrevista ilustra a dificuldade de autopercepção artística nessas comunidades, o que dificulta o acesso a benefícios culturais.

Lins vê a Lei Paulo Gustavo como uma resposta necessária às barreiras burocráticas enfrentadas por artistas locais. Com a simplificação na apresentação de projetos, artistas e grupos culturais podem acessar recursos sem a necessidade de intermediários ou extensa documentação, como exigia as legislações anteriores. Permitindo que artistas solicitem e gerenciem recursos diretamente vinculados ao seu CPF (Certificado de Pessoa Física), simplificando o processo de captação. Essa redução da carga burocrática evita que muitos desistam de participar por conta da complexidade do processo.

Na sua visão enquanto vereadora é a que capacitação e formação dos artistas. Além de garantir o acesso aos recursos, é fundamental oferecer formação para que compreendam como elaborar projetos e acessar os mecanismos de financiamento. Lins acredita que oficinas e treinamentos voltados para grupos específicos, como mulheres negras envolvidas com o artesanato, podem ser um caminho significativo para valorizar e promover o talento local.

Ela também ressalta que uma política cultural eficaz deve fortalecer a identidade cultural local. Observa-se que muitos cidadãos de São Borja não se conectam suficientemente com sua própria herança cultural, algo que pode ser melhorado por meio de iniciativas que aumentem o reconhecimento e a valorização do legado e memória da cidade. Para Lins, entender a cultura como um ativo não apenas artístico, mas também econômico, é essencial. O fortalecimento do setor pode atrair mais visitantes, incentivar o turismo e impulsionar a economia local, sobretudo dessas mulheres de regiões periféricas que produzem cultura para complementar sua renda.

Lins acredita que integrar a cultura local, especialmente as memórias locais, e garantir a participação de diferentes grupos sociais nas discussões culturais fortalece o senso de pertencimento da comunidade. Isso não apenas preserva a cultura, mas também impacta positivamente a economia por meio do turismo cultural, promovendo a venda de produtos e artesanato local.

Outro aspecto importante abordado na entrevista é a especial relevância do artesanato realizado por mulheres ribeirinhas, que aproveitam materiais locais, como resíduos da pesca, para criar peças únicas que possuem valor artístico próprio e forte ligação com a cultura regional: “para elas, é apenas uma forma de utilizar um produto do próprio peixe para gerar renda, mas isso representa uma arte específica e ribeirinha da nossa cidade que precisa de incentivo cultural”. A desvalorização econômica dessas produções, muitas vezes consideradas apenas uma estratégia de sobrevivência, impede que as artistas recebam o reconhecimento e o retorno financeiro justos pela sua arte, o que contribui para o ciclo de exclusão: “sem essa política, as pessoas não reconhecem o valor artístico do que produzem e acabam vendendo por um preço muito abaixo do que deveria ser o custo real”.

Maciel (2023) destaca a importância do artesanato desenvolvido por mulheres ribeirinhas, evidenciando o uso de materiais locais e a necessidade de políticas públicas que assegurem a valorização econômica e cultural dessas produções. Ela ressalta que essa valorização deve ocorrer de forma inclusiva e sustentável, respeitando os modos de vida tradicionais e evitando a desvalorização do trabalho artesanal. Reforça que a inserção dessas comunidades no mercado é positiva, desde que não comprometa sua integridade cultural. Para isso, torna-se essencial o fortalecimento das associações locais, bem como o acesso a financiamento e capacitação técnica, como forma de empoderar essas mulheres e garantir a continuidade de suas atividades (Maciel, 2023).

Maciel (2023) alerta que a comercialização muitas vezes exige adaptações às demandas do mercado, o que pode acarretar na perda de autenticidade cultural e no apagamento de saberes

tradicionais. Por isso, defende-se a busca por um equilíbrio entre a valorização econômica e a preservação da sabedoria popular. Embora o texto não trate diretamente do uso de “resíduos da pesca”, ele destaca o vínculo cultural dos produtos artesanais com o território e os modos de vida ribeirinhos, reforçando a necessidade de políticas que evitem a exclusão econômica e simbólica dessas mulheres (Maciel, 2023). Dessa forma, ela acredita que contribui para o reconhecimento do valor artístico, identitário e econômico dessas produções, propondo um incentivo por meio de políticas públicas voltadas à inclusão, sustentabilidade e justiça social.

Para Lima (2005) a falta de valorização do artesão enquanto agente cultural e econômico contribui para a precarização da atividade. Essa precarização manifesta-se não apenas na remuneração insuficiente, mas também na ausência de políticas estruturadas que sustentem a produção artesanal. Para ele, a trajetória do artesanato está marcada pela invisibilidade das práticas tradicionais frente às demandas do mercado contemporâneo, o que dificulta o acesso dos artesãos a canais de comercialização e o reconhecimento mais amplo por parte da sociedade. Essa situação é agravada por uma percepção social que reduz a produção artesanal a um “trabalho informal ou de complemento de renda”, mesmo quando envolve técnicas elaboradas e materiais de alta qualidade.

Entende a necessidade de se repensar a relação entre cultura, mercado e produção artesanal, visando reverter o quadro de subvalorização (Lima, 2005). Segundo ele, “é fundamental promover a articulação entre políticas culturais, formação profissional e estratégias de mercado que possam garantir a sustentabilidade econômica dos artesãos, sem perder de vista a preservação da identidade cultural”. Compreendendo que o artesanato seja reconhecido enquanto atividade que alia valor simbólico e valor econômico, possibilitando uma trajetória de desenvolvimento mais justa e inclusiva.

Lins destaca a necessidade de ampliar a visibilidade e o apoio às comunidades LGBTQIA+, sobretudo às mulheres trans e negras, que enfrentam dupla ou tripla marginalização. Ela ressalta que esses grupos produzem cultura e arte, mas ainda carecem do reconhecimento institucional e social que permitam sua inclusão plena: “nós temos pessoas LGBTs que estão produzindo cultura e artes (...) a gente tem fomentado isso já há muito tempo”. Essa perspectiva amplia a compreensão da diversidade cultural na cidade, ressaltando a importância de políticas inclusivas.

De acordo com Gabriel (2021), a estrutura dos direitos no Brasil ainda segue uma lógica binária e heteronormativa, o que impede a consolidação plena dos direitos da população LGBTQIA+. O reconhecimento da existência desse grupo e a investigação sobre sua realidade

são fundamentais. Refletir ou aprender novamente a refletir sobre a sociedade como uma construção resultante da ação humana, percebendo-se como alguém que é, ao mesmo tempo, influenciado por e agente transformador do seu meio social, é parte essencial de um processo educativo. Tal processo possibilita que o indivíduo se reconheça não apenas como executor de tarefas, mas também como sujeito capaz de participar das decisões que afetam a si mesmo e à coletividade à qual pertence (Gabriel, 2021).

Por fim, Lins Robalo aponta a ausência de coletivos negros e espaços organizados como um fator que fragiliza a inserção política e cultural desses grupos: “não temos, por exemplo, coletivos negros no nosso município”, o que enfraquece a construção de uma identidade cultural negra mais sólida e a defesa coletiva por direitos e reconhecimento. A falta de redes de apoio e representação dificulta o diálogo com o poder público e o acesso a recursos, mantendo vivas as barreiras estruturais que perpetuam o invisibilização e a desvalorização da cultura negra.

Segundo Sousa (2025), a ausência de coletivos negros e de espaços de fortalecimento cultural impacta profundamente a construção da identidade e a resistência política das comunidades negras-afro-diaspóricas. Essa fragilização resulta em dificuldades para a articulação coletiva, o que afeta a interlocução dessas comunidades com o poder público e dificulta a conquista de direitos e políticas efetivas que valorizem suas culturas e histórias. O texto ressalta que a ideologia do branqueamento, sustentada por práticas midiáticas e pedagógicas elitistas, contribui para o apagamento das manifestações culturais negras, perpetuando desigualdades e o ciclo de exclusão social e econômica. Além disso, observa-se que as escolas, ao adotarem currículos eurocêntricos e desconsiderarem as contribuições das culturas negras, acabam reforçando esse processo de invisibilização, o que reforça a necessidade urgente de uma educação antirracista, decolonial e comprometida com o reconhecimento dos saberes ancestrais dessas populações.

Sousa (2025) destaca que, as políticas públicas geralmente atendem aos interesses da cultura dominante, silenciando e marginalizando os saberes ancestrais e as práticas comunitárias das populações negras-afro-diaspóricas. Para ela, a valorização da cultura negra passa necessariamente pela criação e fortalecimento de espaços coletivos que promovam o reconhecimento e a afirmação da identidade negra, além de políticas públicas que promovam a inclusão e respeitem a diversidade étnico-racial. Assim, a construção de uma rede coletiva fortalece as comunidades para enfrentar o racismo estrutural e garantir a continuidade das tradições culturais. É fundamental que a educação quilombola e escolar em geral dialoguem

com esses saberes e práticas, possibilitando a formação de um corpo-território dos alunos que reconheça e valorize suas raízes, rompendo o ciclo do apagamento cultural e da marginalização

Compreende-se que o enfrentamento dessas barreiras passa pela combinação de políticas públicas específicas, iniciativas de formação, reconhecimento interno da identidade artística e a construção de redes coletivas que valorizem e protagonizem a cultura negra e das mulheres em São Borja, constituindo um caminho essencial para a resistência e afirmação cultural local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tenta demonstrar através de entrevistas e pesquisa bibliográfica, complexidade das trajetórias das mulheres negras, mulheres periféricas, artesãs na cultura de São Borja, marcada por desafios que englobam questões socioeconômicas, institucionais e culturais, e aponta caminhos para a superação dessas barreiras por meio da valorização e reconhecimento de suas produções artísticas. As análises mostram que essas mulheres frequentemente enfrentam uma negação de sua identidade cultural em virtude da persistência do racismo estrutural, do preconceito e da marginalização histórica, que impactam diretamente sua autoestima e visibilidade social.

O trabalho também reforça que a invisibilidade e o desamparo institucional são agravados pela ausência de políticas públicas específicas que fomentem de maneira efetiva a produção cultural negra e, especialmente, a das mulheres artesãs e produtoras culturais locais. A ausência de mapeamento adequado e o desconhecimento dos recursos disponíveis, como os previstos na Lei Paulo Gustavo, dificultam o acesso a financiamentos e iniciativas que poderiam fortalecer essas mulheres como agentes culturais e econômicos na comunidade, como seus bairros até ampliando para o município São Borja e até mesmo regional. Assim, a criação e o fortalecimento de redes coletivas, juntamente com a articulação de políticas culturais que articulem formação profissional, mercado e preservação da identidade cultural, são estratégias fundamentais para garantir a sustentabilidade econômica e o reconhecimento simbólico do trabalho destas mulheres.

A valorização do artesanato, especialmente aquele desenvolvido por mulheres ribeirinhas que utilizam materiais regionais, representando uma arte específica e fortemente ligada à cultura local, é outro aspecto que merece destaque. Este tipo de produção cultural, frequentemente desvalorizada econômica e socialmente, precisa ser compreendida e incentivada como uma expressão legítima de conhecimento e identidade, o que contribui para

a construção de um corpo-território dos alunos das escolas e da população local, promovendo o rompimento do ciclo de apagamento cultural.

Espera-se que os resultados deste estudo possam contribuir para a formulação de políticas públicas mais assertivas, capazes de reconhecer e valorizar a cultura negra local, a cultura das mulheres ribeirinhas e artesãs de maneira integral, valorizando seus saberes e práticas no ambiente escolar e na sociedade em geral. A interlocução entre educação da cultura regional e cultura afro, políticas culturais e iniciativas comunitárias aparece como um caminho promissor para o fortalecimento da identidade, o empoderamento econômico e o protagonismo cultural das mulheres negras em São Borja. Dessa forma, a luta dessas mulheres ganha contornos concretos de resistência e afirmação cultural, que resgatam sua história e contribuem para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Por fim, este trabalho destaca a necessidade de sempre se combater o racismo estrutural e o preconceito que ainda permeiam o campo cultural, buscando uma sociedade que valorize todas as suas expressões culturais, principalmente aquelas historicamente marginalizadas. A resistência das mulheres negras na cultura local não apenas fortalece sua identidade, mas também enriquece a diversidade cultural de São Borja, sendo uma luta que precisa ser continuamente apoiada por políticas públicas, iniciativas comunitárias e sensibilização social.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Andersonn Henrique. Resenha do livro “Negritude Potiguar vol. III, cultura popular negra” de Geraldo Barboza de Oliveira Junior. **Diálogos Sonoros**, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2023.

ARAÚJO, Clarice Fortunato. Gabriela Cravo e Canela e a Invisibilidade da Mulher Negra na Cultura Brasileira. **Culturais**, v. 7, n. 13, p. 55-82, 2016.

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. Mulheres e cultura popular: gênero e classe no bumba-meu-boi do Maranhão. **Maguaré**, n. 24, p. 69-98, 2010.

DA CUNHA, Sonia Regina Soares. A economia criativa e a cultura popular: fetichismo da propriedade intelectual em tempos de capitalismo cultural1.

DE ALMEIDA FÉLIX, Lis; LOURAU, Julie. O APAGAMENTO CULTURAL E DESRESPEITO DOS DIREITOS CULTURAIS DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS AFRO NO CARNAVAL DE SALVADOR.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. **História (São Paulo)**, v. 30, p. 401-419, 2011.

GABRIEL, Jean Paulo Silva; LIMA, Josélia Barroso Queiroz. MOVIMENTO LGBTI+ NO VALE DO JEQUITINHONHA: QUANDO UNIVERSIDADE, ARTE DRAG E ARTE POPULAR SE ENCONTRAM.

LIMA, Ricardo. Artesanato: cinco pontos para discussão. **Palestra Artesanato Solidário: Central Artesol**, 2005.

MACIEL, Raimunda Gomes; ARROYO, Maria Betânia de Carvalho Fidalgo; DE AZEVEDO, Ana D.'Arc Martins. A valorização dos conhecimentos e saberes populares das mulheres de comunidades ribeirinhas: um enfoque no exemplo das mulheres tecelãs de Igarapé Miri, Pará. **Revista Saberes da Amazônia**, v. 8, n. 14, 2023.

ROBALO, Lins. Entrevista concedida a João Vitor Marques Fagundes, São Borja, [10/06/24].

SOUSA, Rubens Cláudio Oliveira; DE PINHO, Vilma Aparecida. Branqueamento no Brasil: uma reflexão sobre o adormecimento das manifestações culturais negras-afro-diaspóricas. **REVISTA DELOS**, v. 18, n. 64, 2025.